



RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:
ARQ. JERÓNIMO REIS
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM DO SOUTO

REDACTORES:
ANTÓNIO GAIO
CARLOS P. MORAIS

DIRECTOR
Higino Augusto Pires

PROPRIEDADE
DA
A. A. E.
(SECÇÃO CULTURAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(Provisória)
RUA 11-361 - ESPINHO

Composto e impresso — TIP. PROGRESSO - ESPINHO

AVULSO 2\$00

ANO II - N.º 15 - 30 de Setembro 1948

EDITORIAL

VITALIDADE

Com pouco mais de um ano de existência, o boletim da Ass. Académica de Espinho, apresenta-se já remozado, envolto no significado amplo e vigoroso do seu novo título. Aos observadores não escapará esta nítida prova de vitalidade quasi ininterrupta, nem passará em claro o mundo de conceitos que o título escolhido encerra, em plena demonstração do carácter desta publicação. Num meio em que o ambiente se encontra saturado do "lugar comum" e do elogio mútuo, ou gratuito, só uma publicação baseada em fins idealistas consegue arrostar com os obstáculos e continuar na senda dos objectivos traçados.

Mau grado a realidade do atrás exposto, a nossa publicação, modesta no seu valor intrínseco, mas orgulhosa do seu espírito de arrojada independência, prossegue através dos invios caminhos da mediocridade do actual carácter colectivo, açoitando o « não te rales » mole e estático dos que, com maior valor e mais largas responsabilidades sociais, se quedam no papel de frios e indiferentes espectadores. Não se pense, todavia, que vivemos na utopia da auto-capacidade ou que nos deixamos embalar por enganosa infalibilidade. Os nossos actos e palavras devem proibir-nos o que o bem geral da comunidade nos não permite, mas devem também permitir-nos o que legalmente nos não é proibido. A perfeição — ideal inatingível — seria tocada quando soubéssemos ou pudéssemos oferecer, com a garantia do nosso próprio valor ainda longínquo, o nosso veemente desejo de servir, com desinteresse, elevação, liberdade e abnegação a juventude de Espinho.

Eis a razão-base da nossa quasi intuitiva vitalidade, que tornou possível o aparecimento do "Boletim" agora continuando no jovem e significativo "Rumo".

Higino Pires

Educação e Ensino

A MATEMÁTICA

Sua importância + Correções necessárias ao seu ensino

É muito generalizada a convicção de que a matemática é uma ciência que adquiriu, já, forma definitiva e que o seu estudo se tem de fazer, portanto, segundo regras e processos perfeitamente determinados e imutáveis.

A verdade é que a matemática, como qualquer outra ciência, continua em constante desenvolvimento e a evolução do pensamento matemático tem, fatalmente, de influenciar os métodos de ensino adoptados no seu estudo e até o conjunto dos conhecimentos que se torna necessário começar por adquirir.

A agitação que se observa em torno dos problemas educacionais teria portanto de atingir o ensino da matemática, dado o lugar de relevo que o seu estudo tem actualmente, lugar naturalmente justificado pela importância cada vez maior da matemática na civilização moderna.

Pode dizer-se que a vida actual está impregnada de matemática. Ela surge, directa ou indirectamente, na solução dos mais variados problemas da vida corrente. Praticamente, não existiria o progresso material de hoje, se a matemática não tivesse adquirido o desenvolvimento actual.

Por ser iniludível a sua importância permanente na técnica moderna, a sua aprendizagem torna-se até uma necessidade de ordem utilitária. Não é, porém, menos importante a sua acção formativa no desenvolvimento mental e na criação de hábitos de raciocínio claro e preciso. Escreveu um dos irmãos Goncourt: — « De duas inteligências iguais, colocadas em condições idênticas, a prioridade cabe àquela que conhecer a geometria ».

Teremos de atender ainda

que, se quisermos continuar a apreciar o valor da matemática como elemento essencial duma verdadeira cultura, ela como ciência é a primeira das ciências, aquela que serve de base a todas as outras (pelo menos quando passam da fase qualitativa à fase quantitativa). É clássica a frase seguinte de Kant: — « Cada ciência só contém ciência, na medida em que contém matemática. »

Esboçado, assim, o interesse científico, educacional e utilitário da matemática, compreende-se que se façam todos os esforços para tornar produtivo, fácil e interessante o seu estudo, a que durante anos sucessivos tem, afinal, de dedicar-se qualquer estudante.

Se bem que muito já se progredisse em relação a velhos métodos de ensino que tornavam o estudo da matemática árido, sem finalidade aparente e com resultados pouco compensadores do total de trabalho realizado para os conseguir, parece-nos que muito há ainda a modificar no sentido dum melhor rendimento desse estudo.

Ainda se « sofre » muito a aprender matemática. Ainda muitos consideram a viagem através dos compêndios elementares como uma triste obrigação erçada de dificuldades.

Tal situação é a resultante de muitas causas que é necessário analisar, procurando no seu conhecimento o remédio para as combater.

Algumas das mais importantes são:

— A ignorância, muito generalizada, do que é a matemática e qual o seu real valor na educação do espírito;

Continua na pág. 2

Humor

Pílulas de... graça!

Início dum romance policial:
— Ela olhou-o com os olhos pavorosamente abertos e a face cheia de terror. Dois tiros soaram. A mulher caiu dobrando-se em duas, com as mãos no peito. O assassino olhou-a calmamente, com um sorriso cínico nos lábios, e pôs-se a assobiar baixinho...

(No decorrer do romance verifica-se que as testemunhas ouviram o criminoso assobiar mas não ouviram os tiros...)

Um mimo...

Na campa dum soldado americano lê-se:

— Aqui jaz W. Smith que morreu na Paz do Senhor, no dia 7 de Abril de 1943, após ser torturado pelos japoneses.

Mas que paz!

E depois de ter assistido à intervenção cirúrgica a que fôra sujeita a sua mulher, o pobre homem perguntou, duvidoso, ao cirurgião:

— O senhor tem a certeza de que é cirurgião?

— A sua mulher está às portas da morte, disse o velho clínico, com ar compungido.

— Que entre, disse o marido.

O senhor é um burro, dizia o professor enfurecido. O senhor só diz asneiras. Há perto de meia-hora que só sabe repetir as minhas frases...

Era de sangue azul, tão azul, que uma sociedade americana lhe propôs utilizá-lo no enchimento de canetas de tinta-permanente.

Era tão sovina que preferiu morrer a ter de alimentar a sua bicha solitária.

Há certas pessoas que não têm palavras para exprimir a sua opinião sobre terceiros. Refiro-me, é evidente, aos mudinhos de nascença.

Era tão miserável que quando lhe pediram a Bolsa ou a Vida, deu a Vida apesar de saber que na Bolsa só tinha sete tostões e meio...

E quando o mendigo estendeu a mão à caridosa senhora, ela viu-lhe brilhar no dedo anular, um anel de ouro com um diamante...

Não queira uma mulher pelo seu dinheiro. Aprecie-a pelas suas acções. Principalmente, se forem acções do Banco Nacional Ultramarino.

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO

ESTEVE EM ESPINHO

No passado dia 29 do corrente e pelas 12,30 horas, chegou a esta Vila o Sr. Presidente do Conselho, tendo almoçado no Palácio Hotel em companhia do Sr. Eng.º Pedro de Araújo, Engenheiro residente das Obras de Defesa desta Praia.

A's 14 horas e após os cumprimentos apresentados pela Edilidade Municipal, S. Ex.ª dirigiu-se para a Praia onde admirou as obras de defesa em curso, tendo ouvido atentamente as necessárias explicações prestadas pelo Engenheiro residente.

Uma vez examinados os trabalhos em curso dirigiu-se o Sr. Dr. Oliveira Salazar para a Piscina Solário, de cuja torre sul, apreciou a obra de defesa definitiva junta daquela, e onde lhe foram prestados todos os esclarecimentos sobre o prosseguimento para norte, da mesma.

Em seguida, e sempre acompanhado do Sr. Eng.º Pedro de Araújo, dirigiu-se S. Ex.ª para o edifício dos Paços do Concelho,

onde se encontra patente a "maquette" do arranjo definitivo das obras.

Aqui aguardava S. Ex.ª o Sr. A. Leite, Chefe da Secretaria dos Serviços de Defesa.

O Sr. Dr. Oliveira Salazar apreciou sobremaneira a maquette, entrando em pormenores.

Falando com o Sr. Presidente da Câmara, S. Ex.ª interessou-se também pelo abastecimento de águas á Vila.

O Povo de Espinho mostrou-se absolutamente grato pela visita do Sr. Presidente do Conselho e apreciou-a, tanto mais por ter sido inesperada.

Apesar da brevidade da visita o Sr. Presidente do Conselho foi muito vitoriado em todos os pontos que visitou verificando assim o alto apreço em que é tido.

S. Ex.ª retirou-se ao fim da tarde tendo colhido boas impressões acerca do estado e prosseguimento das obras.

A Matemática

Continuado da pág. 1

— A deficiência do ensino com base sistematicamente lógica e com excessivas preocupações de rigor, por vezes fictício e contrário à clareza e simplicidade da exposição;

— O abandono ou pouco caso em que muitas vezes se tem a intuição como elemento precioso na aquisição de conhecimentos e desenvolvimento mental;

— A falta de centros de interesse bem definidos e capazes de darem ao trabalho escolar um fim visível a curto praso;

— A influência euclideana, revelada na preocupação de apresentar, sempre que possível, a prova formal mesmo daquelas verdades que a intuição permite aceitar imediatamente como verdadeiras;

— A negligência em não procurar aproveitar convenientemente o valor de transferência do desenvolvimento de uma função mental em benefício de outras funções mentais, inerentes à matemática.

A análise das questões apontadas, será o objecto dos próximos artigos desta secção. Vale a pena fazê-la, pois nunca será demais a importância que se queira atribuir à matemática e ao seu estudo.

«No renovamento contínuo das doutrinas e das Escolas que governam as ciências da natureza e as ciências humanas, sómente a matemática e a arte possuem perenidade».

A. Nunes das Neves

BONECADA ANIMADA

Continuado da pág. 4

cinematográfica. E como actor que vê que o seu trabalho deve significar mais do que um simples pagamento de salário, tenho de brigar com Hollywood. Acho que é tempo de reconhecermos as nossas responsabilidades e cumprirmos os nossos deveres para com o público. Afirmo que nós, os actores, os produtores, e todos, devemos fazer melhor». Mais adiante: «Cada filme deveria ter dois temas básicos. Cada história devia ser, ao mesmo tempo, artística e inspiradora, ou mostrar-nos que as imoralidades da vida só nos conduzem a um desastre. Estas coisas podem ser feitas dramaticamente e, ao mesmo tempo, entretendo-nos».

Por nossa parte, já nos cansamos de ir ao cinema vezes sem conta até ver um bom filme «Made in U. S. A.». Chega a parecer incrível como os ingleses com os seus recursos tam mais limitados — verdadeiramente só um magnate existe — apresentem filmes como «Sétimo Vê», «Grandes Esperanças», e esse «Caso de Vida ou de Morte», no meio duma série equilibradíssima de outros. Esses filmes, com «Casa Cercada», que ainda não vimos no Norte, bateram verdadeiros «récords» de bilheteira nos próprios Estados Unidos.

Felizmente está-se definindo já um movimento tendente a melhorar o nível geral dos filmes americanos, para o qual tem contribuído certos jornalistas e críticos. Veja-se o artigo «Cinquenta Anos de Cinema... e para quê?» das Selecções de Abril onde se afirma: «...seis dos sete filmes lançados cada semana são a mesma leria que toda a gente já conhece, indefinidamente repetida...».

Voltaremos ao assunto.

Manuel José

Cintilações

A MORTE DO PRÍNCIPE

A noite estrangulou nos braços gelados o Sol apolíneo e fongoso, cansado da esgotante jornada de um dia inteiro. E, a apertá-lo em seus braços, ia, devagar, estendendo com a mão a capa negra por sobre o corpo jovem, forte, escultural do Astro de Ouro, Carne, Sangue... Quando ele tombou a bela e nervosa cabeça no ombro imóvel dela, quando ele despregou as unhas brilhantes e nacaradas do peito onde a aflicção lhas fizera cravar até espirrar sangue, quando naquele rosto divino, esbatido de sombras roxas, não houve mais uma contracção, a Noite hirta, indiferente, sagrada, pegou na fimbria do manto e acabou de cobrir-lhe o corpo nu. Depois... sentou-se — cotovels fincados nos joelhos, mãos pregadas no rosto caído sobre as mãos, olhos a fitar a distância incomensurável, cabelos longos, longos, negros, negros, pelo chão...

No manto escuro da Noite, no manto caído que vestia os céus, acendiam-se pedrarias. Mais pálidas umas, como empanadas de névoa. Mais brilhantes as outras, — tremeluzindo, acanhadas. Acenderam-se e fizeram roteiros de prata e roteiros de leite.

Há silêncios longos tais a Morte. Os homens descansam, no sono, das lides de acordados. As coisas recolhem-se, em preito à memória do defunto Sol. Choraram-no os planetas, de olhos empanados de névoa.

E as estrêlas conversam baixinho as suas conversas ingénuas e lindas, feitas de recordações.

Fausio Madeira

OS TERRÍVEIS ESCLARECEM

Se, com a nossa costumada imparcialidade, nos fizemos eco da opinião pública, verberando o pejo de Espinho com barracas que lhe prejudicavam a estética, — usando a mesma imparcialidade, entendemos que é justo não esquecer a causa dessa decisão inestética. Os produtos das cobranças pela autorização dada a tais barracas para funcionarem foi, humana e cristãmente, e apreço, pela nossa Câmara Municipal, em mitigar a fome de muitas centenas de indigentes. A situação financeira é difícil para a nossa Câmara que, no seu intento de bem fazer, julgou preferível um ano de inestética a um ano de fome para os pobres. Sabemos que, na próxima temporada, só serão permitidas barracas em determinados locais e ainda obedecendo a normas estéticas exigentes.

Sê bom assinante do
R U M O
angariando assinantes

ESPINHO

E A REVISTA *Voga*

Comentários a uma pseudo-reportagem

O jornalista que se preza não baixa ao elogio bajulador, mas conserva uma linha de independência e de verdade. Na "Voga", revista portuguesa para todos, com aspecto rico e de pobríssimo conteúdo, onde lemos dois sonetos de arripiação, na "Voga" há uma reportagem sobre Espinho que Espinho leu e lhe causou riso e revolta à mistura. Primeiro, estampam-se três fotografias no panfleto. Ao topo, exhibe-se a de Armando Crespo, cujo nome, em tipo grosso e grande, salta mais que todos mais. Depois... fala-se de Espinho e dos seus homens. Palavras, palavras, palavriado que não presta justiça nem a Espinho nem aos seus homens. Nós cremos que os mesmos citados, adjectivados e canonizados personagens da pseudo-reportagem serão os próprios a não achar bem aquele fogo de vistas. Um elogio assim não tem valor nenhum, pois é um elogio fácil, verboso, soando a falso. E como nele existem afirmações mentirosas, os leitores são levados a supor aquilo total mentira. Armando Crespo fez alguma coisa por Espinho; mas dizer que «Espinho sem Armando Crespo não passaria de uma modestíssima praia de clima admirável, e nada mais», é um estanhadíssimo insulto.

Lamentamos a desvaivada «consciência» com que o jornalista (?) «transporta através dos seus leitores» (?) o «sentir unânime do povo de Espinho». Bem diversa da opinião «voguista» é a opinião que nos deram engenheiros, médicos, advogados, estudantes, comerciantes e mais gentes espinhenses. Muitas e muitas pessoas, até e bastante de sociedade distinta, umas frequentadoras do Café Palácio outras não, acharam que a tal... reportagem «voguista» era uma «pepinheira» indecente. Senhor jornalista (!) Tenha vergonha! As asneiras que o Sr. escreveu parecem um anúncio... mal feito. Que português de preto! Que chorriho de deformações! Que daltonismo intelectual! Que tom de aldrabão de feira! Que péssimo sentido estético! Que falta de vocação jornalística! Que ridículo embandeiramento! Não analizaremos, tím-tím por tím-tím, a reportagem. É terreno opulento e lá, como diria Camilo, «cada cavadela cada minhoca». Só queremos perguntar como pode ser, por enquanto, mais ou menos visível um bem estar que ainda não existe, pois virá a Espinho trazido pela actual Câmara.

Enfim, das páginas sobre Espinho salva-se, apenas, quasi se salva o desenho ao pé do

TALVIZ SEJA VERDADE QUE!!!



A Direcção de um clube espinhense se encontra em crise...

Alves Teixeira já não treina os grupos de basquetebol da Académica mas, em seu lugar, indigitou um jogador do Vasco da Gama...

O campo de basquetebol e voleibol projectado para o parque desportivo da Mocidade Portuguesa vai ser uma realidade para o tempo dos nossos netos...

Houve «mosquitos por cordas» por causa da «Entrada em Campo» do último número pois se «enterraram muitas carapuças»...

O exemplaríssimo C. de B. parece estar metido em maus «assados» por ter no mesmo dia praticado duas modalidades desportivas em actividades oficiais...

Se pensa já na organização das Festas da Vila para o próximo ano em que se comemorarão os 50 anos do concelho...

Devido às características do piso das ruas 4 e 2 e do entusiasmo e intensidade com que nessas ruas se tem praticado ciclismo se projecta organizar naquele velódromo os «Seis dias ciclistas de Espinho»...

Se a fiscalização da I. G. A. viesse a Espinho todos os meses muitos presados comerciantes da nossa praça estabeleceriam residência perpétua no cemitério por causa dos sustos que os matariam...

Há quem prometa «mundos e fundos» se se fizer uma fusão dos dois clubes locais e de um das proximidades...

Basta ser-se medianamente esperto para se julgar impossível tal fusão...

anúncio das festas da Ajuda. E' bonito. Mas lembramos que a N. Sr.ª da Ajuda tem ao colo o Menino Jesus. Apesar de que pouco nos devemos preocupar com tal pormenor. Foi canonizado um natural de Espinho: temos, agora, a «tão santa bolsa» de Armando Crespo. Esta, sim, nasceu aqui ou, pelo menos, aqui cresceu e engordou. Hoje fulgura, cercada dos esplendores beatíficos.

Armando Crespo e Mário Borges trabalharam por Espinho e ajudaram o seu progresso. É verdade. Daí até conceder a tais homens o exclusivo ou uma preponderância esmagadora nesse progresso vai uma distância enorme. Espinho existe como é, mercê dos esforços conjugados de muitas pessoas. Será grande injustiça esquecer umas tantas. Armando Crespo e Mário Borges reconhecem-no, decerto. Eles próprios não concordarão com a reportagem «voguista» — de tal estamos convictos.

Os buracos feitos nas ruas, para fixar os mastros das ornamentações das Festas da Vila vão ficar abertos, para o próximo ano não haver o trabalho de tornar a abri-los...

A água de Caçufas não chega para eliminar o cheiro a água de... fossa que sai das bocas de lobo...

O desportivismo do sr. Correia de Brito foi mais uma vez demonstrado na segunda jornada dos campeonatos regionais de corridas...

O último número da "Voga" agradou em cheio pelo que há quem se interesse em saber qual o preço dos seus "anúncios"...

Os cineastas da Tobis que andam a fazer o documentário sobre Espinho pensam em filmar uma nova versão da "Aldeia da Roupa Branca" que teria por cenário o terraço da Palácio Hotel...

O Correia de Brito, a quem já faltam as «canetas», começou a ser bilioso com a «caneta», na mira de distarçar a sua descida vertiginosa como oquista e patinador...

O tempo se encarregará de lhe aplicar os «sinapismos» que que tem vindo a merecer e dos quais tem conseguido escapar-se...

Andamos a vogar num mundo de mentiras odiosas, que de tanto batidas e badaladas acabam por convencer quem voga ao sabor da publicidade balofa de uns ilustres desconhecidos...

Este comentário não foi originado por qualquer despeito: nós, sim, interpretamos a opinião de gente de Espinho. Para refrescar, porém, a memória do jornalista ou para informá-lo, declaramos que além do «grande jornal» que é a «Defesa de Espinho», existe na vila o «Boletim da Associação Académica».

Ao seu dispor, «sôr» jornalista.



Peço a Palavra...

São dez as páginas que a revista «Voga» dedica a Espinho. Agradece-se a intenção e a boa vontade, o que, evidentemente, não chega, pois nestas coisas de jornalismo a reportagem é útil quando é honesta.

Não pretendo ferir seja ele quem for — pessoa ou colectividade — mas a verdade é que quando o dislate assume as proporções que adquire nas dez páginas de «Voga», das duas, uma: — ou não há senso do ridículo ou há muito amor ao vil metal. É triste, amigos! Quando se afirma que «Espinho, sem Armando Crespo, não passaria de uma modestíssima praia de clima admirável, e nada mais»; que «o seu desenvolvimento seria lento e talvez nunca chegasse onde chegou»; que «sem esse Casino, onde o luxo alterna com a Arte, Espinho não seria o que é hoje» — só encontro como resposta a histórica palavra de Cambrone!

Amigos, repito: isto vai mal! Na reportagem da «Voga» tudo é um mar de rosas, todos são santos e génios, a ponto de haver quem prejudique a sua vida comercial para trabalhar em favor do progresso de Espinho, e quem seja mártir pela firmeza de atitudes! Ora bolas, amigos!

No «Boletim» de 31 de Outubro de 1947 e nesta mesma secção, escrevia-se: — Espinho não é o Casino, a Piscina ou a Avenida e não vive apenas de 1 de Julho a 30 de Setembro.

Espinho é a sua gente: — os que trabalham no mar, nas fábricas e nos escritórios; os que empregam os seus capitais na Indústria, no Comércio ou na construção de habitações; os que a valorizam, por qualquer meio, como zona de turismo; os que se dedicam ao melhoramento das condições de vida da sua população — no mais amplo sentido.

Por isso, quando desaba sobre as nossas cabeças, uma propaganda bronca, falsa e grotesca, só nos resta como resposta o que aqui fica dito, pois o decoro impede — em má altura — de continuar.

Isto, amigos, é a mentira a rodos. É tudo o que há de mais ascoroso e fétido.

Dum lado lacaios, do outro homens.

Isto vai mal, amigos!...

Kim

PRIMEIRA FILA

Continuado da pág. 5

Os grandes, abrem as mãos avidamente, para que nelas o bezêro de ouro despeje a sua cornucópia de ouro e de abundância, e, mesmo rezando, blasfemam; os pequenos erguem as suas mãos para que Jesus lhes dê o Pão Nosso de cada dia e, mesmo blasfemando, rezam a única oração que o Céu terá de escutar um dia.

Pedro Manuel!



Panorâmica DO CINEMA ACTUAL

Uma das melhores revistas americanas do género, a "Photoplay", na sua secção "Reader's inc." — nós chamar-lhe-íamos «Tribuna do Leitor» — publicava a seguinte carta, que tinha sido enviada por uma leitora: «O que aconteceu aos filmes americanos? Há bem poucos anos atrás, o cinema americano era considerado o melhor do mundo, e merecia indubitavelmente essa classificação. Mas, actualmente, os ingleses, os franceses, e os italianos fazem cinema muito melhor. Porque é que Hollywood não produz mais filmes como «E tudo o vento levou», «Beau Geste», «Intermezzo», «Gunga Din» e «Mrs. Miniver»? Com franqueza, Hollywood deve fazer por conquistar novamente o 1.º lugar, ou então nós perderemos totalmente a fé no Cinema Americano. E' claro que isto apenas representa uma opinião, mas dá-nos que pensar.

A verdade é que, infelizmente, o Cinema Americano encontra-se a atravessar uma crise enorme, cujos efeitos já se fazem sentir no mercado europeu, e em grande escala no nosso. Crise de bons filmes, apesar das colossais possibilidades de que os cineastas americanos dispõem, porquê? Simplesmente por isto: o seu lema tornou-se «fazer mais... mais e mais» não atendendo ao caminho a trilhar nem ao valor intelectual ou estético. Pretende-se que se substitua o segundo e o terceiro «mais» pela palavra «melhor», o que não sucederá enquanto não for de certo modo desviada a mira do lucro material.

Somos dos que temos muita fé no Cinema Americano, pois eles quando querem fazer bem, ainda hoje são os melhores, colocando os outros a respeitável distância. Porém, é lamentável que durante a época que está a findar só umas escassas três produções nós posamos classificar de categoria e de grande interesse artístico e moral: «Do céu caiu uma estrela», «Os Melhores Anos da Nossa Vida» e «O Despertar», a nosso ver por ordem crescente de valor. Mas nem o primeiro é o melhor que Capra nos fez ver, nem o segundo é a melhor coisa que se tem feito por lá. Já o último poderia enfileirar ao lado dos primeiros dos grandes, mas é pouco, lamentavelmente pouco, tornando confrangedor, duma maneira geral, o panorama que Hollywood nos oferece.

Os americanos, mesmo, vão reconhecendo que isto é uma amar-ga verdade, e até os próprios actores se manifestam já. Vejamos, pois, o que diz o popular actor Dana Andrews, que vimos no 2.º dos 3 filmes citados, num artigo que escreveu para a revista "Motion Picture" de Fevereiro deste ano. Começa assim: «Eu sou um actor, e como tal tomo parte na indústria

Continua na pág. 2

ALÉM - MAR FANTASMAS EM LUANDA

Por uma tarde quente do mês de Setembro de 1896 — há, portanto, mais de 52 anos — deu-se na capital de Angola um facto que emocionou profundamente a população da cidade, obrigando-a a pedir providências à metrópole por meios indirectos, pois outros não tinha então de que pudesse dispôr.

Vivia-se por ali, nessa época, uma vida de intensa vibração; as notícias vindas do interior davam o gentio *bondo* como revoltado, temendo-se a todo o momento que ele fizesse junção com os *bângalas*; na Luanda, a expedição do comando de Henrique de Carvalho trazia os ânimos alvoroçados porque se boquejava que, à custa dela, haviam medrado certos interesses nem por isso muito legítimos: o prestigioso chefe dessa memorável expedição tinha-se visto na dura necessidade de, findo tão árduo e proveitoso cometimento, pedir licença para ir a Lisboa esclarecer a sua acção, que em dado momento parece ter-se tentado apoucar — como se em vez dum heróico esforço realizado em alto benefício da sua pátria ele tivesse praticado grave falta; no Bié, o respectivo soba tivera de ser duramente castigado por suas tropelias de pretalhar rebelde; o governador da colónia, apertado pela imprensa, subjugara-a suspendendo os dois únicos jornais que ainda restavam naquele vasto território; em Cazengo descobrira-se que, nas eleições camarárias, dois dos votados eram devedores à Câmara, dando o escândalo lugar à estupefacção, primeiro, e em seguida ao clamor contra tão estu-pendo acontecimento.

Acabava de se descobrir a existência em Nova York dum jornal escrito em ambundo, dirigido pelo missionário Helli, que teve em Luanda uma escola para os indígenas, e destinado aos pretos de Angola através das respectivas missões, em que se diziam coisas espantosas a respeito dos portugueses: que eramos os piores inimigos dos pretos, que nada lhes queríamos ensinar porque só os queríamos escravos, que o nosso pão não alimentava, que nada era nosso do que vendíamos, que o íamos buscar às lojas da América.

A acção dos alemães do Sul de Angola, tendo por fito a Baía dos Tigres, exigindo o respectivo governo a incorporação na Dâmara duma faixa de terreno ao norte do Cunene que englobava aquele excelente porto natural, fazendo com que o governo provincial guarnecesse de postos militares o rio e mandasse para o porto o cansado cruzador «Vasco da Gama» apoiado pelos navios da divisão naval em estação na colónia, trazia os espíritos irritadíssimos. Exarcebara essa irritação a maneira como se apresentara em Luanda, ao embarque, uma força de 150 praças sob o comando do capitão Gourgel: diz

o relato da época que «*Iam para o cais de embarque debaixo de forma, mas numa carência absoluta de vestuário e dos princípios rudimentares de recruta! Era gente apanhada na rua, como se apanham cães vadios*». Tinha-se pedido para Lisboa, perante a ameaça de conflito tão sério, uma expedição de reforço de mais de mil homens *reinóis*, ao que Lisboa respondera socegadoamente que «*estava estudando o assunto*»...

Perto do rio Lui, o gentio atacara os carregadores do governo destinados ao Cuango, incendiando várias casas comerciais da região, tendo de acudir o governador da Lunda, capitão Veríssimo Sarmento, castigando duramente os insurrectos a quem incendiou 24 senzalas com 2.000 cubatas destruindo as lavras e fazendo cerca de 1000 baixas, afora os feridos.

Audacioso ladrão assaltara em Luanda a estação dos correios, roubando diversas cartas registadas com valores, sem que fosse possível descobri-lo; entre irónica e irritada, a população comentava as únicas providências que tinham sido tomadas: a publicação duma relação com os nomes das vítimas, limitando-se o governo a reconhecer que de facto os interessados tinham sido roubados...

Em S. Tomé uma quadrilha de pretos foragidos faz tropelias diversas — assaltos, roubos, assassinatos —, resiste à perseguição da autoridade local auxiliada pela polícia e serviços das roças, que foram recebidos com descargas de chumbo, tendo ficado feridos quinze dentre eles; a diligência pouco efeito surtiu, e receava-se que os negros tomassem alento para maiores destempêros e novos crimes, entre os muitos já praticados e que a prisão anterior do primitivo chefe da quadrilha revelou.

Na Índia, sabia-se que a revolta dos ranes continuava, não obstante a severíssima repressão que levou parte da população a fugir para a fronteira britânica, vivendo-se por toda a colónia num evidente mal-estar.

Na Guiné, vivia-se também em permanente desassocção: as operações contra o gentio insubmisso continuavam, a insegurança, a tranquilidade eram manifestas.

Só de Timor as notícias eram boas: Celestino da Silva empreendera e levava por diante, com uma coragem e uma tenacidade que ligaram o seu nome ilustre àquela distante colónia, a pacificação da ilha, que poucos anos depois havia de conseguir totalmente.

E em Macau folgava-se com a desenvoltura dum governador que se apresentara numa parada vestido «*com uma miscelânea de uniformes verdadeiramente bárbara: dolman de general com pla-*

Continua na pág. 5



Luz e Sombra

Os quadros que pintava eram diferentes. Tinham alma, a sua alma. Tons esbatidos, jogos de sombras, nimbavam as figuras, os retratos que o possuíam. No fim, as suas pinturas tão diferentes nos motivos, nas formas, eram iguais, iguais na maneira de ser. Eram luz e sombra, tal como sua alma. Sim, a sua alma era feita de luz e sombra. E a sua vida foi até o final uma luta entre a luz e a sombra. Uma luta entre a alegria e a tristeza.

No princípio, a luz era débil e trémula. Com os anos a luz tornou-se mais forte, mais viva. A arte de Rembrandt ganhara fama, os seus quadros eram pagos a peso de ouro. Os grandes da terra vieram até ele. O mundo era seu.

Conheceu Saskia e conquistou-a. Era feliz. A luz brilhava com o máximo fulgor, e ele distribuiu-a a todos, para todos. A sua arte era inesgotável. Amava a vida. A sua alma era feita de luz.

Atingiu o alto, o apogeu. Só poderia descer. E a queda começou.

A luz vacilou, perdeu brilho. Dois pedaços de vida, duas estré-las, desapareceram na sombra, na escuridão. Perdeu dois filhos. A sombra aumentava. O declínio continuou.

Perdeu Saskia, o sol que incendiara a sua alma. O mundo afastava-se, os grandes abandonavam-no, o exito fugia-lhe. Com a perda de Saskia, veio a derrota. A sombra quasi dominava. Tentou reagir, aquele que tanto amava a luz, a vida. Tomou outra mulher. O mundo não escutou a sua revolta e perseguiu-o. E ele que sempre vivera entre os ricos, teve de procurar a companhia dos pobres.

A luz era débil e trémula. A sombra dominava. Mas a arte de Rembrandt não caíra, ficara no alto. Outrora pintara os ricos, a luz. Hoje pintava os pobres, a sombra. Pintava a dor, a tristeza. Esqueceram-no. Estava perto do desespero.

Desapareceu a mulher com que tentara reacender a luz viva de outrora. Após longo e angustiante período de espera, de sofrimento, perdeu a esperança.

A luz débil e trémula tinha de se apagar. Seu filho Tito desapareceu com ela. Ficou só a sombra.

Na alma feita de luz e sombra restava a sombra. Findara a luta.

E a sombra mergulhou na escuridão...

Nuno Rangel

Lê-de, assinai e propagai

R U M O

PRIMEIRA FILA

Pedras tôscas para a construção
duma choupana humilde

I

Esquecer uma afronta é a mais nobre das desafrontas mas não deixá também de ser, algumas vezes, sintoma de fraqueza condenável.

*

Há duas qualidades de afrontas. As que são feitas pelos grandes, e as que são feitas pelos pequenos.

Geralmente as afrontas dos grandes são aquelas que nós esquecemos ou perdoamos com mais facilidade e frequência, enquanto perduram mais tenazmente em nosso espírito as afrontas dos pequenos. E devia ser o contrário. Absolutamente o contrário.

*

As afrontas dos pequenos são quasi sempre originadas numa justa revolta íntima, que nasceu dum cúmulo de injustiças padecidas; — as afrontas dos grandes resultam invariavelmente do prazer sádico de humilhar os que já são humildes de condição.

*

As afrontas dos grandes têm por alicerce o egoísmo, a prosápia balôfa onde há sempre um laivo de barbaridade ancestral; — as afrontas dos pequenos são a única defesa concedida a uma escravidão, que é também ancestral, que vem desde sempre à procura dum sol de justiça que não amanheceu ainda, e que talvez não amanheça nunca.

*

Postas face a face — a afronta dos grandes e a afronta dos pequenos — temos que reconhecer o seguinte:

A primeira revela monstros; a segunda revela santos. Na alma dos primeiros grita Satanaz; na alma dos segundos canta a voz de Jesus, aquela voz que foi harmonia inegalável no sermão da Montanha, que redimiu a adúltera, que abriu as portas do Céu ao Bom Ladrão.

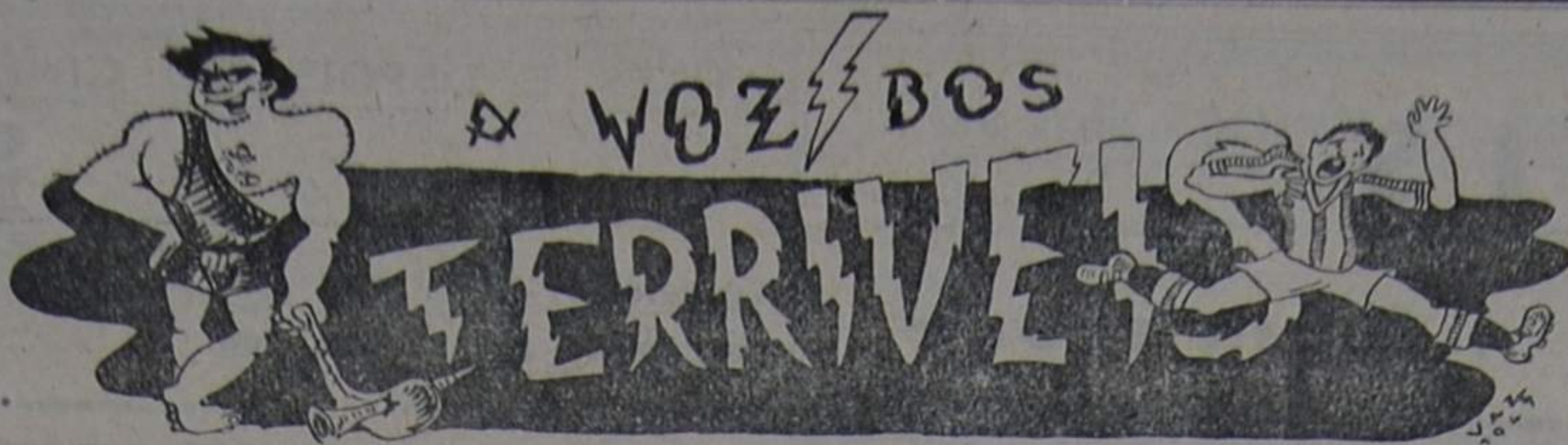
*

Na vida dos Grandes há feéricas cintilações que cegam os olhos, que desvairam as consciências, que compram os fracos de espírito, aqueles que ainda se deixam seduzir pelo brilho falso de falsas lantejoulas; na vida dos pequenos há alvoradas sem preço que deslumbram, que engrandecem, que divisam o sentimento que marcha a caminho da perfeição humana.

*

Os grandes vão por atalhos onde rutilam os espaventos da mentira; os pequenos vão por estradas onde há seixos que cortam os pés, e os chagam e dilaceram, mas que de cada chaga fazem brotar um lírio ou uma estrela, sinónimos da Verdade absoluta.

Continua na pág. 3



Eis o Homem !!!

Nesta hora grave do mundo, em que os homens se degladiam sem quartel, verifica-se uma crise de cérebros, do pensamento e da acção. E o destino, ingrato e vário, continua a negar a oportunidade a um valor que desponta irradiante, mas que por falta da propagação necessária, se vai perdendo nos nuandros corriqueiros do dia a dia. Mas nós que estamos convictos do seu valor, vamos apresentá-lo à admiração e consagração de todos, crentes de que prestaremos inestimável serviço a um público que afinal não sabe separar o trigo do joio. E como uma das suas maiores qualidades é a **modéstia**, vamos omitir-lhe o nome e mostrar-lhe as qualidades.

Eis o seu retrato: robutez fictiva e ânimo forte, plenamente demonstrado nas lides desportivas dos Campeonatos Corporativos; valor «internacional» no hoquei em patins e patinagem; profundos conhecimentos «técnicos» dos segredos da patinagem, nos quais aplica a sua «alma portuense»; capaz de transformar o real pelo fictício e dizer e **provar** que é pedra sendo pau, num jeito de fakir indiano das letras e tretas; jornalista corre geitos de alquimista nigromante, misturando num mesmo cadinho o sim com o não, as afirmações com as negações e as provas com as contraprovas, brincalhão impertinente diverte-se, e diverte, forjando poemas heroi-cômicos, numa seriedade ridícula semelhante à de um doido com juízo; interprete da «palavra-falada» e escrita; dono do eter desportivo aos domingos e dias-santos; pujante e **vigoroso prosador de cartas de despedida repletas de lágrimas de crocodilo; introdutor de músicas a prémio, versegadas com a inspiração de um «Camões» e comerciadas com preços fora da tabela; dono e senhor de capacidade crítica, desportiva, que felizmente não aplica a assuntos mais sérios; perseguidor impertinente dos árbitros ímpios que que se arvoram no direito de serem seus julgadores; servidor elegante e coerente dos seus pergaminhos de «académico», noticiando não só os treinos dos seus pupilos, como também qual o número e a biografia das cuecas ou ceroulas dos principiantes seus colegas, num carinho maternal de ama-sêca amantíssima. Em suma, uma notabilidade digna de segurar rédeas de maior valia do que agulhas que por negações do destino, lhe estão entregues, visto que o seu valimento fica por confirmar e prejudicado até o desenvolvimento da boa escola dos orientadores da opinião pública. Fica aqui a traços largos, um pouco da biografia deste moço predestinado que supomos, está fadado para altos destinos...**

Presunção e água benta...

Espinho gaba-se de ser uma terra progressiva e civilizada. As suas ruas, apesar da triste monotonia que lhes imprime a perpendicularidade, são desempoeiradas e atractivas, as casas que as ladeiam apresentam-se-nos alegres e cuidadas, demonstrando que Espinho tem feito boa assimilação das modernas tendências urbanistas. Possui facilidade de comunicação com todos os principais pontos do País e, conseqüentemente, com o Estrangeiro. Os seus habitantes, que não usam tanga, orgulham-se de ser medianamente cultos. Dentro da sua modéstia de terra da província, Espinho pode considerar-se, justamente, moderna e civilizada.

Tudo isto não é simples «palavreado» para «vender o peixe» mas sim verdade por demais conhecida e verificada.

Por estas e muitas razões não se compreende lá muito bem que haja quem, ao vir para Espinho, «arme» em civilizador, um pouco ao jeito e ao gosto daqueles antigos, como os actuais, missionários que iam propagar a Fé e os preceitos da civilização europeia nas terras selvagens de África.

Que se pretenda fomentar o desenvolvimento material e espiritual no interior de África, onde abundam o calor, os pretos, as feras e as moscas tsé-tsé; que se procure educar os índios antropófagos da região do Amazonas; que se tente levar um pouco de luz às almas enigmáticas dos esquimós; isso vá!; agora querer apresentar-se como paladino do «progresso e civilização de Espinho» (sic) não será demasiada presunção e blasonice?

Espinho no cinema

Todos reconhecem no cinema, a poderosa arma de propaganda, capaz de alterar a realidade, amesquinhando ou engrandecendo.

Adentro da quantidade imensa de motivos que está ao alcance da publicidade «cinéfila», o Turismo ocupa lugar de relêvo. E a confirmar essa prioridade está o cuidado geralmente posto na qualidade dos «anúncios» das terras e das gentes.

Sucede, no entanto, que Espinho não tem sido feliz com este género de propaganda. O que se fez só envergonha os autores e ridiculariza a terra que não tem sabido defender-se dos «oportunistas» e aldrabões.

Já é tempo de pôr cobro, com mão segura e forte, a abusos que só servem a má propaganda. Que ideia foi essa de fazer um filme, no fim da época balnear e na altura das «graciosas» e «pitorescas» festas d'Ajuda?

Querida publicidade! Com o movimento de veraneantes quase nulo e com o fim da animação e alegria da praia, é que se vai fa-

Fantasma em Luanda

Continuado da pág. 4

tinhas de seda preta; na gola e canhões, três estrelas lisas de plano adoptado para os oficiais inferiores; um boné com três galões de padrão desconhecido, fingindo boné de general de divisão, porém sem galões em volta do tempo, nem o respectivo botão ao centro» — dizendo-se irónicamente que esse governador assim o tinha feito para distrair os chineses, «para dar nas vistas do chinês embezzrado com as últimas tarefas japonesas...»

E foi neste ambiente particularmente excitante que a nova reboou pela cidade, alarmando-a, naquela cálida tarde de Setembro de 1896: pela segunda vez em pouco tempo, por falta de quem verificasse conscienciosamente os óbitos, e depois de um pobre homem doente se ter levando atônito do caixão já a meio caminho para o cemitério, aterrando os condutores que o largaram e fugiram como lebres — um soldado considerado morto, ao ser posto no esquife para ser levado ao cemitério, levantou-se e, tomando consciência do macabro destino que esperava, fugiu de repelão à mistura com os circunstantes aterrados, correndo todos em tropel, aos gritos, aos berros, desatinadamente, pelas ruas fora — julgando os fugitivos que o morto corria junto com eles para os castigar e correndo este à mistura com o bando pelo instinto humano da atenuação do perigo quando há dele larga partilha...

O morto desapareceu; e ao terror da sua barulhenta ressurreição sucedeu o grave cogitar sobre a maneira de o abater ao efectivo: perante o certificado de óbito na forma legal, eram legítimas as dúvidas sobre se o deveriam considerar de facto um morto — ou um desertor...

A população da capital permaneceu recolhida algum tempo, na pávida ansiedade de ver a cada momento surgirem nas esquinas, nas ruas, nas praças, os fantasmas dos dois mortos-vivos que na Luanda de há 52 anos se levantaram a tempo dos caixões onde os conduziam a enterrar — por falta de quem em termos verificasse os óbitos...

E só verdadeiramente desengrugou a frente, abrindo-se em risos de irreprimível hilaridade quando se soube o caso portentoso: um ministro do ultramar, querendo transferir o Delegado do Ministério Público de Macau, resolvendo o assunto com rapidez fulminante, à dinâmica maneira dos safa-rascadas, determinara a imediata colocação daquele magistrado — em Bombaim, terra inglesa desde D. João IV, o Restaurador!!!...

Então, sim! Luanda perdeu a sisudez, a compostura, o receio dos fantasmas — e riu a bandeiras despregadas!...

E não o fez, confessemos, sem razão...

J. Costa Rosa

zer um documentário sobre uma estância de turismo de 1.ª classe. Quando deixaremos de estar sujeitos à incompetência e ao mau gosto destas «aves de arribação»?

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIAS

Cereais — Toucinho
Gorduras — Sabões

Aires & Magalhães, L.da

605 — RUA 22 — 609
(Em frente aos novos Paços do Concelho)

Telefone 342
ESPINHO

Agrupamento Comercial e Industrial, L.da

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidro



CRISTAL
EM CHAPA

Vidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Mercaria —

Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Mercearia Porto ESPINHO

Rua doadores, 104 - Tel. 3771

— GAIA —

Rua Dezanode - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 ESPINHO

Cadinha & Couto

Armazenistas de Mercaria
Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO

CASA SOUSA PAPELARIA E LIVRARIA

J. Moreira de Sousa Júnior

Telefone, 99

Rua 19 N. 215 — ESPINHO

Carteiras, Porta-mo-
das, Pastas, Produtos
de perfumaria — La Toja
— Jogos, Novidades

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

PEGADO AO TEATRO S. PEDRO
RUA OITO
(Caves da Séde do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com
secção de Hóega Regional

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
— CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37
APARTADO 37

União Comercial de Espinho, L.da

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFAÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES
UNIÃO

Rua 19 — 409 a 421
ESPINHO

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS

Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»
ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS
— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.da
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.da
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telef. 21
gramas: FARINHA 3
APARTADO, 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especial-
idade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833

ESPINHO

Tipografia Progresso

Execução de trabalhos tipográficos
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

ESPINHO

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

O DESPORTO E AS ENTIDADES OFICIAIS

Os homens do século XX, a par do automóvel, do avião, do rádio, da televisão, etc., descobriram o Desporto. E, assim como se inundou de milhares desses inventos destinados a sacrificar vidas em favor de mais velocidade nas actividades humanas, o Mundo olhou para o Desporto, praticou-o e abusou dele transformando-o num negócio que não é dos menos chorudos. Construíram-se estádios imponentes, aperfeiçoaram-se técnicas de execução, movimentaram-se enormes somas de dinheiro e, conseqüentemente, influências. As multidões que corriam a assistir aos prêmios desportivos tornaram o Desporto um problema social. Os governos de algumas nações auxiliaram-no com subsídios, com a construção de parques desportivos, etc. Em Portugal, além da criação da Direcção Geral dos Desportos com o objectivo de uma melhor regulamentação, construiu-se o Estádio Nacional, o Pavilhão dos Desportos, estando prestes a concluir-se alguns estádios municipais; tem-se subsidiado os organismos dirigentes das modalidades pobres e tem-se fomentado o contacto dos nossos desportistas com os do estrangeiro.

Diversas vezes havemos insistido na necessidade de protecção pela Câmara Municipal aos clubes locais. Essa nossa insistência pode fazer crer que a actual edilidade ignorou as colectividades desportivas pelo que nos sentimos na obrigação de desfazer esse erro. O desporto local mereceu dos actuais magistrados concelhios o melhor apoio moral e todo o auxílio financeiro que o orçamento municipal lhes permite.

Bem hajam por isso. A' massa desportiva espinhense compete manifestar-lhe o seu reconhecimento esforçando-se por trabalhar com entusiasmo e no melhor sentido, e procurando fazer cada vez mais e melhor.

P. M.

Oquei em Patins

Por iniciativa da A. P. do Norte, efectuou-se em Espinho um torneio a eliminar em que participaram, além da equipa local, as do Hoquei dos Carvalhos, Paço de Rei e A. D. Sanjoanense. A taça «Ligia Maria» destinada ao primeiro classificado coube à Académica que, com certa dificuldade, bateu na final o Carvalhos por (5-4) depois de ter vencido os nossos vizinhos de S. João da Madeira por (6-1).

Louve-se a presença dos sanjoanenses e façam-se votos por que continuem a trabalhar com o mesmo entusiasmo e dedicação que têm demonstrado.

O jogador dos Carvalhos, Custódio Pinto, resolveu abandonar a actividade. As razões que a isso o levaram desconhecemo-las mas lamentamos que o faça quando ainda muitos e bons serviços poderia prestar ao seu club como praticante. A sua correção e desportivismo exemplares tornam-no credor da simpatia de todos, sendo por isso inteiramente justa a homenagem que lhe foi feita e à qual a Ass. Académica se associou com muito prazer.

Futebol

Começou a época de futebol, a modalidade que mais adeptos conta e que maiores receitas auferir. Ao Sporting de Espinho, que dentro em breve começará a disputar o campeonato de Aveiro que classifica para o Nacional da III Divisão, desejamos os melhores sucessos desportivos.

Outro club queremos saudar especialmente, quer pelas muitas afinidades que tem com a nossa Associação, quer pela simpatia que merece aos desportistas portugueses. Referimo-nos à Académica de Coimbra que, apesar de todas as vicissitudes, continua a trabalhar com entusiasmo para ascender de novo ao lugar a que tem direito entre os maiores do futebol nacional. Fazemos votos para que sejam coroados de êxito os seus esforços.

Atletismo

O atletismo em Espinho tem sido, desde há muito tempo, letra morta. Mercê, porém, da boa vontade e entusiasmo de alguns rapazes parece que se vai, finalmente, entrar em actividade. Num torneio popular, iniciativa do F. C. do Porto, a efectuar em Outubro próximo, será apresentada uma equipa da Académica à qual desejamos o melhor êxito. Que não fique por aqui o entusiasmo dos atletas para confirmação do ecletismo desportivo da nossa terra.

Ping-Pong

Vamos participar pela primeira vez no campeonato da I Divisão do Porto. Os adversários que defrontaremos são superiores aos que nos couberam nos campeonatos que anteriormente disputamos e vencemos.

Aos nossos jogadores cumpre prepararem-se intensivamente de modo a poder marcar boa presença entre os ping-ponguistas portugueses e conquistar uma boa classificação para o clube.

Oquei em Campo

Nesta modalidade tem a Académica encontrado os mais dedicados atletas que são, de todos, os que mais se identificam com as características do clube. Amadores cem por cento, sacrificados e dedicados à camisola que lhes cinge o corpo têm vivido como nenhuns os êxitos e vicissitudes da sua colectividade. Podem os seus recursos técnicos e táticos não serem suficientes para superar os dotes dos adversários mas o seu entusiasmo e dedicação excedem todos os outros. Aos já velhos na prática da modalidade, que constituem o primeiro grupo, e aos esforçados novos, que formam a reserva e pretendem imitar e suplantar os antigos, auguramos o melhor dos êxitos no Campeonato Regional que vai iniciar-se, pois estamos certos que lutarão sempre sem desfalcimentos pelo bom nome da Académica.

Um crítico perante a crítica

Do «Diário de Coimbra» de 10 de Setembro reescremos com a devida vênia:

O Snr. Correia de Brito

lá continua com as «suas»!

Temos, talvez, dado exagerado realce á «questiunculazita» que o «cronista»-jogador Correia de Brito, do grupo de oquei patinado do Académico do Porto decidiu travar com a Académica de Espinho, pelo simples facto do clube espinhense o ter, de há muito, considerado «persona non grata» e não «ligar nenhuma» aos seus «escritos» no «Comércio do Porto», na respectiva secção deste jornal diário portuense! Na verdade, se nos temos referido ao despeito e ao veneno de que vêm impregnados os seus «escritos», têm-lo feito apenas porque sempre desejámos salientar que tudo quanto o «cronista» diz, escreve e refere, está em amplo desacordo com o que faz. Assim, Correia de Brito, jogador de oquei em patins, pretensão valor nacional da modalidade é péssimo desportista, como inúmeras vezes temos concluído de relatos conscienciosos de jogos de oquei em patins a que não assistimos. Ainda agora, nos jogos disputados em Lisboa, para a disputa do Campeonato Nacional, o crítico Carlos Pinhão, no numero 529 do Mundo Desportivo refere ácerca do comportamento de Correia de Brito: «...arbitrou bem o sr. José Figueiredo, em nada se justificando os protestos dos jogadores portuenses, nos quais mais uma vez, se salientou Correia de Brito». Na crítica do encontro Oeiras-Académico, C. Pinhão volta a referir que: «...Correia de Brito «cortou» muito jogo e continuou a barafustar em excesso».

Basta, sr. Correia de Brito! Maus desportistas nunca poderão ser bons críticos, desempoeirados e imparciais. O sr. enferma dum mal sem cura! Saiba ser desportista antes do mais! — (C.).

Permitimo-nos fazer um reparo a esta crónica:

O Snr. Correia de Brito também foi... como havemos de dizer... histórico, talvez, no jogo disputado com o Sintra.

E não é o Snr. C. Pinhão que faz referência àquele geito do Snr. C. de Brito — para que se registe uma coincidência que o Snr. C. de Brito acabará por classificar de maldade.

E' o Snr. José Ilharco que diz: «Correia de Brito tem a obrigação de ser menos exuberante — nas reclamações e nos gestos de enfado».

Pelos vistos o Snr. C. de Brito mostrou-se digno dos créditos que possui em qualquer dos três jogos disputados em Lisboa.

Se mais jogos houvera... Mas tudo o Snr. C. de Brito procura fazer esquecer.

Censura um ou dois dias depois — na secção desportiva de «O Comércio do Porto» — alguém ou diversos e reclama um voto de louvor para si próprio.

O Snr. Ilharco e o Snr. Pinhão não sabem da missa a metade.

* * *

Em tempo:

As linhas que acima se inserem sofreram a melhor das rectificações e mais oportuna do que poderíamos esperar. Deu-no-la o próprio Correia de Brito na segunda jornada dos Campeonatos de Patinagem em que se comportou tão correctamente e tão bem tratou os dirigentes associativos que estes entenderam por bem castigá-lo com suspensão por 12 jogos. Como os leitores podem verificar agora, tudo o que temos dito daquele atleta não é simples produto da nossa animosidade ou aversão mas sim do reconhecimento das suas inúmeras «virtudes».

Natação

III CAMPEONATO DE ESPINHO

Embora o número de concorrentes fosse pequeno, decorreu com bastante entusiasmo o III Campeonato de Espinho.

Não podemos deixar de louvar a organização deste campeonato e a presença daqueles praticantes que já compreenderam a utilidade da natação e a finalidade da Piscina.

Esperemos que a boa vontade dos organizadores e o exemplo dos entusiastas, frutifiquem e façam de Espinho um centro de nadadores que no futuro possam honrar a terra e o país. E bom é que assim suceda, porque é vergonhoso o estado actual da natação numa terra com tantas possibilidades e num país que pode servir-se do desporto para se impor. E' demasiado cêdo para fazermos comentários aos tempos que se conseguiram e às possibilidades dos concorrentes.

Esperemos as conseqüências do entusiasmo que o campeonato provocou. E não esperaremos em vão porque a maioria dos nadadores era constituída por jovens de 8 a 16 anos. Haja boa orientação e podemos aguardar confiantes o futuro.

Resultados

O resultado da classificação dos concorrentes é o seguinte pela ordem em que vão designados:

Meninas:

Categoria A — 28 metros bruços: Maria Inês Esquivel, Mariana Gaioso Henriques.
Iniciados — 50 mts. bruços: Maria Manuela Néri Oliveira e Sousa.
Principiantes — 50 metros bruços: Júlia Emília Moreira de Seica.

Rapazes:

Categoria A — 28 metros bruços: Alberto Manuel Coutinho de Almeida, Vasco Manuel Bizarro.

Categ. B — 50 mts. livres: Rui Manuel Bizarro, José Eduardo Gaioso Vaz.

Categ. B — 50 mts. bruços: Rui Manuel Bizarro, José Eduardo Gaioso Vaz.

Categ. C — 50 mts. livres: José Manuel Gomes de Almeida, Sérgio Nuno Pena de Andrade.

Categ. C — 50 mts. bruços: José Manuel Gomes de Almeida, Sérgio Nuno Pena de Andrade.

Iniciados — 50 mts. livres: António João Calheiros Lobo, Sérgio Teixeira Pereira de Castro e Pedro José Faustino.

Iniciados — 50 mts. bruços: António João Calheiros Lobo, Sérgio Teixeira Pereira de Castro.

Iniciados — 50 mts. costas: Sérgio Teixeira Pereira de Castro.

Principiantes — 100 mts. livres: Amadeu Andrade, Adriano Tenreiro.

Principiantes — 100 mts. bruços: Amadeu Andrade, João Gaspar Brinco e Adriano Tenreiro.

Júniors — 100 mts. livres: Carlos de Vasconcelos, Fernando Néri Neto e Rogério Matos Leite.

Júniors — 100 mts. bruços: Mário Gaioso Henriques, Antero Calheiros Lobo e Carlos de Vasconcelos.

Sêniores — 100 mts. livres: Jorge Moreira da Costa, Valdemar Bodas.

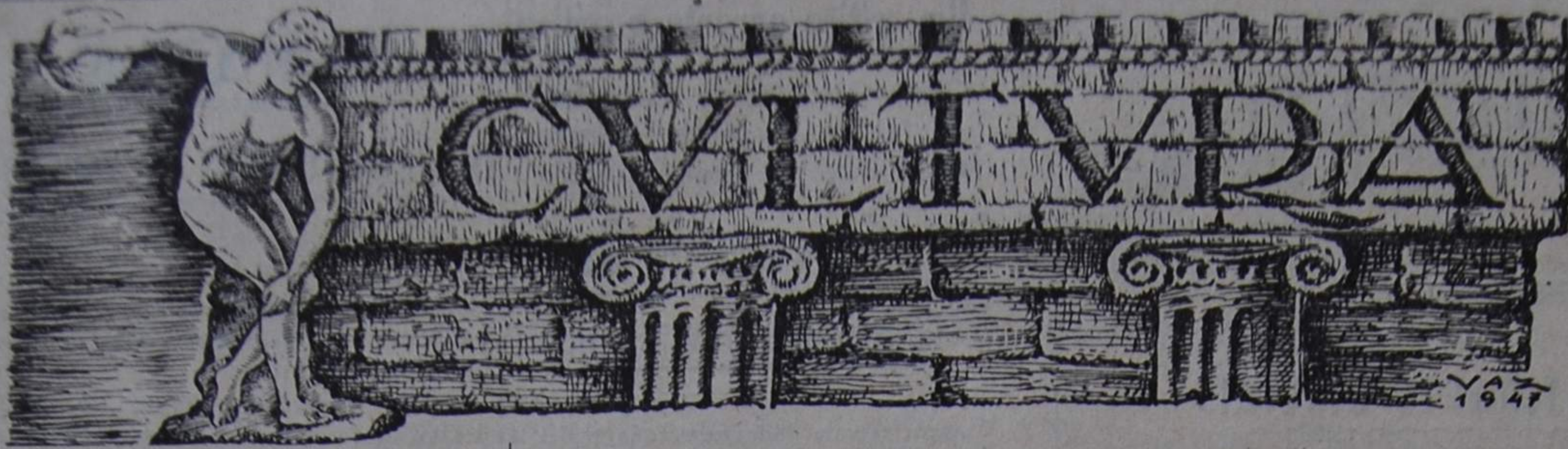
Sêniores — 100 mts. bruços: Manuel José de Carvalho Vaz.

Sêniores — 100 mts. costas: Jorge Moreira da Costa, Manuel José Vaz.

Categoria Especial — 200 mts. livres: Jaime Silva, Franklim Reis.

Data da realização: 21 de Setembro de 1948;

Juri: Dr. A. Corte-Real, Vice-Presidente da Câmara M. Espinho, J. Moreira da Costa Jr. e Alberto Vita; Juiz de partida: A. Coelho; Juizes de chegada: Virgílio Lacerda e Silvério Vaz (cronometrista); medalhas aos 1.ºs e 2.ºs classificados oferecidas pela Ex.ª Câmara Municipal e graciosamente feitas pela Fábrica «Luso Celuloide», de Espinho.



CIÊNCIA

A Conformidade ao fim

No número anterior demos um belo trecho de Darwin. Hoje, transcrevemos um trecho importante de Jakob Von Huexküll.

«Se os fenómenos do corpo vivo não são, fundamentalmente, outra coisa, em seus caracteres, senão fenómenos que a matéria inanimada também apresenta, a demonstração de vida só pode ser procurada na disposição e na espécie do trabalho comum dos diferentes factores. E esta disposição é, com efeito, especial. Designa-las, como *conforme ao fim*. Na verdade, distinguimos, nos seres vivos, uma dupla conformidade ao fim: por um lado, cada organismo está construído conforme a si mesmo, e por outro, o organismo está adaptado conforme ao fim em sua volta. A principal acusação que temos de fazer ao darwinismo é a leviandade com que prescindiu da conformidade do mundo vivente ao fim, antes de ter investigado tal conformidade. Deste modo, ficou simplesmente suprimida a parte mais importante da nossa vida, a que forma o problema central da biologia.

Mas aqui aparece, imediatamente, como obstáculo, certa ambiguidade que se encerra na ideia *conformidade ao fim*. Esta pode ser definida de duas maneiras. Designa-se, primeiro, como *fim* a representação de uma situação futura que chega a ser motivo de uma acção. Se a acção se dirige a realizar esta representação, chama-se *acção conforme ao fim*. Onde se conclue, com evidência, que esta definição da conformidade ao fim é totalmente inaplicável numa ciência natural que investiga as manifestações da natureza com a ajuda dos nossos órgãos dos sentidos, pois uma representação é sempre inatingível para os sentidos. Mas há outra definição de conformidade ao fim, a qual diz isto: chamamos *conformidade ao fim* a disposição das artes de um todo, quando as suas funções se completam umas às outras, adentro de uma função total. Prefiro, para evitar equívocos, dizer *conformidade ao plano*, em vez de *conformidade ao fim*, porque daquele modo afirma-se, apenas, que as partes estão ordenadas em correspondência com um traçado ou plano, de tal modo que formam, em comum, um todo com unidade funcional. Se tomamos a biologia como uma ciência natural verdadeira, também fica imediatamente definida assim a sua posição quanto à psicologia comparada. Pois esta ciência, partindo da analogia com a pró-

O Naufrágio das Traineiras

Por Ubaldina da Silva Pais

Publica hoje o nosso jornal, outro trabalho de Ubaldina Pais, como já publicara no anterior número um conto de sua autoria. O trabalho agora inserto, revelador de qualidades assinaláveis, foi no entanto, mero exercício escolar sujeito ao tema do naufrágio de diversas traineiras junto à costa em Novembro do ano findo. Se este trabalho mostra por vezes ingenuidade, o certo é que nele ressaltam qualidades que ou confirmam ou ampliam as reveladas no conto aqui já publicado.

Havia em Ubaldina Pais uma precocidade intelectual e artística mórbidas, aliadas a uma sensibilidade doentia pelo seu excesso. Especialmente no conto "Um amigo Traidor" revelava-se um poder de síntese, de domínio técnico de execução do conto, a facilidade de coordenar esse momento essencial duma existência, aproximando-se do conceito francês do conto, uma atitude irónica perante a vida, com ressaibos de Maupassant, a mesma sensibilidade rica e o mesmo pessimismo que eram característica inalienável de sua maneira de ser. No trabalho hoje publicado, além destas mesmas duas características, revela-se ainda o seu poder de originalidade. Mas acentuam-se nele as duas qualidades já antes reveladas, afinal um pessimismo extremo, cheio de descrença na vida, pleno de convicção da inutilidade de viver que parece anunciar a caminhada da própria autora para a morte. Por outro lado, a sua sensibilidade toma aqui uma expressão plástica nova, no seu anseio de exprimir-se musicalmente.

Em ambos, porém, se demonstra um conhecimento de vida e um conhecimento de técnica literária, que nem a idade nem a educação familiar recatada que teve, lhe podiam dar; há nela uma como que *adivinhação* ou *pressentimento* da vida; precocidade esta, sem dúvida, denunciadora do seu estado físico precário, da sua propensão para a doença. E' até curioso que, quer do seu trato pessoal, quer das suas obrinhas, nos ficava a impressão de ela já não ser deste mundo, já viver fora da vida, contemplando irónicamente a existência dum plano superior a nós, dum plano que lhe permitia o conhecimento, no tempo, do viver de sucessivas gerações.

Vasco Luís

Perante numerosa assistência, o grande músico prepara-se para apresentar, ao piano, um dos seus mais admiráveis trabalhos — uma tragédia musical.

O seu busto está direito e a sua cabeça levantada no jeito habitual de quem toca, mas o seu todo revela, no entanto, mais alguma coisa. Ele olha em frente, fixamente, e nos seus olhos onde brilham clarões de inteligência deixa adivinhar a emoção intensa que está sentindo. Uma emoção angustiosa, dolorosamente triste... Possui um encantamento que pretende comunicar aos outros pela música. As suas mãos de dedos esguios e nervosos repassam pela teclas, como que acariciando-as e fazendo-lhes sentir o que a sua alma sente.

Soam os primeiros acordes,

pria alma do observador, intenta estabelecer afirmações acerca das almas dos animais, as quais não nos são directamente acessíveis. A biologia experimental, em toda a proposição de problemas acerca das actividades espirituais dos animais, não investiga as sensações da alma, mas sim os fenómenos do cérebro.

A biologia trata de olhar as funções das diversas partes do corpo animal, para obter uma ideia da função de conjunto do todo animal. Busca o plano de construção do organismo vivente. Nesta ordem de investigações, não se afirma nada acerca da existência ou não da alma animal; só nos devemos ocupar aqui dos fenómenos do corpo vivo animal, enquanto são susceptíveis de exame por meio dos órgãos dos nossos sentidos».

que levam o espírito para longe... para muito longe... a um cantinho impregnado de odor a sal marinho...

Depois num doce murmúrio, num pianíssimo divino, começa contando a grande tragédia...

Assim como aqueles acordes, suaves e vibrantes, estava o mar, esse monstro risonho, numa tarde de Outono. O seu lânguido baloiçar e as suas águas azuladas convidam os pobres pescadores à faina de pesca. Assim seguiram todos nas suas traineiras para a grande luta que ia iniciar-se... E agora, numa longa, muito longa cadência, explica aos ouvintes emocionados a saída da barra, entre conversas e risos, sob um céu luarento; a sua entrada no mar alto que os acolhe com um laivo de sarcasmo; o lançar das rédes que retiraram cheias de peixe graúdo que escarnece; o regresso lento que foi o princípio do grande drama.

... E nasce agora um som profundo, enorme, que progride vertiginosamente e que deixa um eco doloroso, como um grito do universo, terminado num soluço...

E' meia-noite. Uma negridão sem nome substitui o sorriso da lua, um temporal furioso substitui a calma de há pouco. Um canto glacial corta os ares. A chuva, acerada e copiosa, junta-se-lhe com o seu malefício. As traineiras procuram vencer esse mar encapelado e traidor. Os mestres gisam as manobras aconselhados pelo saber e pela prática. Têm com eles dezenas de vidas que necessitam defender. As suas vozes bravias, de comando, são sufocadas pelos bramidos do mar. Um golpe de vento mais forte

PRAIA

Liberta como a brisa da montanha
A' hora moribunda do sol posto,
E' a luz sereníssima que banha
As linhas milagrosas do teu rosto:

— Olhos que lembram lagos de balada,
Verdes como os trigueiros que o vento enfana,
Cabelos cor da areia incendiada,
Quando a tarde agoniza além da duna;

Lábios vermelhos de sabor amargo,
Salgados pelo beijo das ondinas
Que o sopro da maré deixou ao largo;

Sombra leve de espuma e de luar,
Envolta no véu branco das salinas,
Como noiva simbólica do mar.

Espinho, Agosto 1948

Ernâni de Melo Vianna

leva-lhes apetrechos e homens, mas continuam, com esperança em Deus, a procurar salvar-se daquelas vagas altaneiras que os lançam num vai-vem constante e vertiginoso, sem ouvir as suas súplicas e ameaças.

... A nota final vibra, fria e chocante...

As infelizes traineiras, frágeis cascas de noz, são rodeadas, agarradas, levantadas no mar pelas ondas como brinquedos de crianças e lançadas no espaço, onde rodopiam, vindo depois submergir no abismo, com todos os seus tripulantes.

... Agora os sons cavos e intensos confundem-se com as notas vibrantes e sonoras.

São os estertores e os gritos dos naufragos que procuravam a vida, que lhes foge, nadando para terra. Mas a costa é distante e as vagas crueis. Quanto mais aqueles farrapos humanos, feridos e rotos, se aproximavam da salvação, mais as águas os impellem para a ruína. E assim se lhes prolonga o suplício, até que a mão divina se lhes estenda e os leve para a mansão da paz eterna — a morte —, ou até que a garra demoníaca os atire para as praias costeiras — para a vida.

... Um trilho benévolo conta-

E uma nova procela se aproxima. O vento são os gritos; a chuva as lágrimas; o trovão as blasfémias, o relâmpago a luz da alma, dada pela oração. Esta tempestade é uma das maiores, senão a maior. Aqui salvam-se corpos e matam-se almas. Erguem-se ultrages, arruinando promessas. Vende-se a alma a Deus e dá-se ao Diabo. Mas são filhas, esposas e mães, loucas pela dor, increpando e insultando o mar ao mesmo tempo que imploram a Nossa Senhora da Bonança em vocativos sinceros e pungentes, não mais olvidados pela frágil memória do homem.

... E agora uma fúnebre e melancólica melodia termina o quadro, mostrando os corações dilacerados, enlutados por toda a vida. Não os corações das famílias e amigos, mas as almas de todos os homens de sentimentos e carácter.

... E uma nota misteriosa e profunda fica a vibrar, por todo o espaço, lembrando a paz dos mortos e a infelicidade dos vivos, enquanto o célebre pianista agradece os aplausos dos que, numa comunhão de sentimentos, o compreendem, dos que o tentaram compreender e dos que nunca o

3-Dezembro-1947

TEATRO

A CRISE DO TEATRO

Há muito tempo já que em Portugal se tem medo. Criar é um arrisco e, por isso, nós deixamos-nos de descobrimentos e vamos, humildemente, na esteira que os estrangeiros nos abrem. Meia dúzia de sonhadores e teimosos não chega para vencer o temor público; e, assim, permanecemos parados, secos, inúteis, ignorando, atacando, dificultando aquelas obras que o génio português se aposta em nos dar.

O Teatro, em Portugal, atrofia-se com chôchos espectáculos. Não teremos nós seiva renovadora? Temos, sim, mas também temos um terror doentio pelas novidades, pelo que não haja feito prova no estrangeiro, pela reacção pública, mesmo de público inculto. Em resumo: acorrentamos-nos com uma terrível falta de confiança em nós próprios. As peças teatrais representadas não mostram pitada de arrojo, de alta beleza, de génio; cozinham-se por antiquados modelos e com regras de gosto popularruncho. Os actores raramente (o que torna mais honrosa as excepções) saem daquelas ensinadas e académicas formas de representação. Os cenários dormem na aquela satisfeita sonolência do porco na quinta, o qual engorda, mas não sonha nem se aperfeiçoa.

Eu sei que, para facilidade no triunfo da empresa, é preciso um ambiente favorável ou conformável público. Se, todavia, sempre estamos à espera das facilidades, nada conseguiremos. Não possuímos Mecenas que, liricamente, se resolvam a arruinar-se em prol do Teatro português. Mas continuando a fornecer ao público espectáculos inferiores, criamos-lhe uma natureza grosseira incapaz de apreciar os rasgos do génio e da beleza. Reuniram-se alguns dos principais empresários portugueses e combinaram dar à lusa gente representações que a elevasse e gerasse um clima propício às grandes criações, à originalidade e à verdadeira Arte. Apenas António Lopes Ribeiro nos serviu alguma coisa, através dos seus «Comediantes de Lisboa». Esse mesmo, tão pouco! Sôzinho, porém, como houvesse ele de lutar para manter público e não se condenar à... bancarrôta? Assim, até as iniciativas privadas, como o *Teatro do Salitre*, os *Teatros Universitários*, etc., são fechados num estreito círculo onde se perdem sem ressonância. Talvez que a solução esteja nesse acordo entre empresários, comprometendo-se a levar à cena grandes peças antigas e modernas e, sobretudo, peças arrojadas e arejadas, diferentes das que o público se habituou a ver, dando-lhe choques que o despertem, provocando reacções, problemas e discussões fecundas. Se os empresários se não resolvessem a isso, a tal o condenasse o Estado, obrigando-os a levar à cena, anualmente, umas tantas peças de listas que lhes fossem

MÚSICA

Ritmo, Melodia e Harmonia

O caso que nos adoenta, na Música, adoenta também outras manifestações artísticas, embora seja mais dificultoso de resolver na Música. Esta é qualquer coisa de fundamental relacionado com a vida. Os entes materiais movem-se; ou: no universo, nenhum ente material conserva a mesma posição em relação a todos os outros. Esse movimento divide-se em compartimentos iguais e essa repetição de conjuntos de movimento chama-se *ritmo*. A sequência apropriada dos sons, a justaposição de sons, por forma que eles se convêm desde os mais próximos aos mais remotos, chama-se *melodia*. A união de sons, ao mesmo tempo, e sons que se condizem, chama-se *harmonia*. Cada som é ainda um conjunto de vibrações pelo que o som, afinal, ainda é ritmo. Vibração é uma comunicação entre partículas, pelo que só na matéria há essa vibração e, assim, no vácuo o som não se propaga.

Nos mundos todos os seres materiais provêm de outros, e uma cadeia, pois, liga os seres segundo um processo de que é expressão a *melodia*. Todos os seres materiais, porém, se integram num todo e equilibram-se de tal modo que, apesar das trocas constantes, há sempre uma simetria; expressão deste equilíbrio é a *harmonia*. Vimos, também, como os tais seres estão em movimento que se expressa em *ritmo*.

A música, portanto, é expressão da Natureza material. Mas é uma expressão, digamos, esquemática ou esquemática; por ser expressão de certo modo da Natureza: posição nela dos entes (sequente, harmónica e ritmo-equilibrada). Não é bem, visto isso, uma expressão da Natureza, mas das regras em que ela se mantém.

Do anterior, se tira que a Música exprime um carácter comum a toda a matéria, e, por isso, toda a matéria, lhe é sensível. A Música impressiona animais, plantas e as mesmas partículas dos inanimados. Toda a Natureza produz sons e conjuntos de

fornecidas. As listas seriam elaboradas por um conselho, do qual fariam parte, por exemplo: um professor universitário, três escritores modernos de 35 a 55 anos, mais dois de 22 a 35, outro com menos de 22 anos, dois pintores, dois escultores, dois arquitectos, dois encenadores, dois actores, duas actrizes, três críticos de teatro.

Isto parece infantil, mas, pensando bem, talvez não o seja. Por outro lado, isto bastaria para resolver o problema do Teatro, em Portugal? Pois não; dava uma grande ajuda, porém. E, do resto, falaremos...

Rogério Corte-Real

sons, melhor ou pior produz Música. Aos sentidos auditivos e aos instintos do Homem, buscou o Homem adaptar os conjuntos sónicos. Adentro da Humanidade, géneros musicais agradam conforme as raças, estão de acordo, quer em ritmo, quer em melodia, quer em harmonia, com a maneira de cada raça. Igualmente, adentro do mundo material, a música está conforme o reino da Natureza que a produz.

Só o Homem faz Arte, mas toda a Natureza faz Música. O que prova não ser Arte a Música. Existe, porém, Música que se chama Arte. E porquê?

A Música, mesmo no Homem, é gerada pelo movimento vital, pelos instintos e para os sentidos. Se, porém, o Homem lhe introduz elementos intelectuais, a conforma por um método inteligente que a inteligência apreciará, a aproveita para expressar sentimentos, — então, o Homem põe espírito na Música e fá-la aquilo que se nomeia Arte.

Vimos, atrás, que a harmonia e a melodia eram expressões de modos da Natureza; mas o ritmo era, não apenas expressão, mas um próprio modo da Natureza. Assim, o ritmo é mais *natural*, no sentido de mais originário, primitivo, — instintivo, quanto ao Homem. A harmonia e a melodia são elementos superiores e com os quais melhor joga o espírito. A Música primitiva é essencialmente ritmo, enquanto a civilizada (trabalhada pelo espírito humano) contém como elementos essenciais a melodia e a harmonia. Esta Música é que nos parece Arte.

No próximo número, começaremos a tentar resolver o problema do instinto, do sentimento e da inteligência na Música.

Telo de Menezes

Franqueza

Os livros são como os espelhos. Se um asno se contempla, não podereis ver um anjo.

Schopenhauer

Criação

Foi vendo a luz de teus olhos garços,
Que esqueci para o mundo...
E foi ouvindo a amargura da tua voz,
Que ensurdeci às palavras sensatas...
Foi vendo teu corpo belo,
Que nada de belo encontrei nos outros...
E foi na felicidade de amar-te,
Que encontrei a infelicidade de servir-te...
Amor,
Eu fui tudo isso outrora.
Agora,
Nem eu sei o que sou.
Talvez aquele barro que amassaste

ARTES PLÁSTICAS

FECHO DA INTRODUÇÃO

Nos dois números anteriores do «Boletim», puzemos a inter-rogação da origem da arte europeia e da arte modernista. Assinalamos a antiga existência dum continente onde hoje se situa o Atlântico. Afirmamos (e só por falta de espaço não documentamos, por agora) as, em remotas eras, afinidades culturais, ráticas, geológicas, botânicas e zoológicas entre as terras e águas desde a Irlanda à Galiza e a Portugal, pela costa francesa e espanhola, e entre aquém e além Atlântico (embora estas com menor intensidade). Daqui, teremos a concluir o seguinte: no Atlântico houve um continente, centro de Cultura esplendorosa que se irradiou até à América e à Europa e, possivelmente, ao norte de Africa. E, por certas razões que deporemos neste jornal, somos levados a crer na passagem da cultura americana à velha Ásia. Assim, muito do que nos veio pelo oriente era transmitido remotamente da América, e a maior parte dos elementos culturais artísticos europeus possuem origem na Atlântida e caminharam pelas Espanhas e regiões anglo-francesas até à restante Europa.

A arte europeia é, portanto, filha dessa cultura Atlântica — como analizaremos em próximos artigos. Em próximos artigos veremos também quanto o modernismo deve a essa cultura atlântica retocada nas Américas ou assimilada pelas culturas asiáticas. E, finalmente, anotaremos as características das artes irlandeza, bretã e portuguesa síntese maravilhosa e profunda do génio atlântico e da influência atlântica, disposição insuperável de poetas gerada no consórcio do continente e do oceano.

Tudo isto nos ajudará a compreender realismos e idealismos nas artes plásticas e, até, talvez, a julgar a legitimidade ou o cabotismo de certas realizações artísticas e de certas atitudes estéticas. Poderemos corrigir conclusões de Teine e de Reinach e combater picassismos e quejandos desvarios. A nossa pobre competência prejudicará a explanação, a análise e o apontamento dos factos e da Teoria. Diremos, porém, como soubermos; e outro de mais valor retome o assunto e leve-o e clarifique-o. Nós faremos o possível por apontar caminho.

Lopo Goulart Nogueira

Mário de Castro Correia

FILOSOFIA

REFLEXÕES

Só o ser existe. Onde o ser falte há defeito, mal. O ser manifesta-se sob expressões diversas. Mas onde ser é infinito as expressões são uma só coisa: o ser. A Beleza, o Bem, a Verdade são expressões positivas, logo expressões do ser. A Beleza, o Bem, a Verdade, como expressões absolutas do Absoluto (o ser), não podem ser contraditórias. Portanto: quanto mais Beleza, mais Bem, mais Verdade; quanto mais Bem, mais Beleza, mais Verdade; quanto mais Verdade, mais Beleza, mais Bem.

*

Deus Pai é Vontade, Deus Filho é Inteligência, Deus Espírito Santo é Sensibilidade. Em Deus, a Inteligência procede da Vontade, e a Sensibilidade da Inteligência e da Vontade; a Emoção procede do Conhecimento e da Vontade, e o Conhecimento da Vontade eternamente propulsora. Em nós, o processo tem um caminho inverso (talvez porque estamos no tempo): sentimos, intelectualizamos, fazemos; amamos, conhecemos, realizamos. Mas a inteligência está estreitamente ligada à vontade na criação. A inteligência é, por assim dizer, a forma primeira, a planta, a construção intelectual da forma que se realiza por impulso da vontade. Também em Deus algo de semelhante se dá: "*La création est l'oeuvre du Verbe*".

*

A matéria, também Deus a criou e não quer reduzi-la a nada. Porque o que Deus tirou do nada não pode aniquilar-se e deixar de ser, mas unicamente mudar o modo de ser. Onde se

conclue que Deus, absolutamente bom, criou a matéria, para a fazer feliz. E, portanto, a matéria tem toda, como a dos corpos humanos, de mudar de natureza, espiritualizando-se, e ingressar na união. Para isso, é preciso que a matéria vá subindo de grau e tomando um valor infinito (cujo processo de aquisição só Deus sabe qual lhe tem reservado). Mas a matéria, sendo criada pelo espírito, não pode constituir uma dualidade com ele ou um contrário dele. Portanto, a matéria é, simplesmente, uma forma de um modo do espírito. Ou uma das tonalidades do espírito, a qual ganhando nova forma; como um gás sublima—aceitai esta imagem grosseira.

Em Deus, porém, nada estaciona ou retrocede, mas tudo progride, se aperfeiçoa, floresce, se multiplica. A matéria, pois, não poderia voltar à pura tonalidade do espírito, porque tal seria aniquilar aquela forma; unicamente, poderá mudar a natureza da forma e manter uma individualidade agora espiritualizada que culminará a personalização no mergulho em Deus, isto é, no seu conhecimento. Pois a personalidade é uma maneira de conhecimento; o que atesta a riqueza do conhecido, ou antes, do que aspiramos a conhecer, porque ele se projecta em nós ou nos toca de relance segundo tão diversas maneiras de conhecimento (as diversas personalidades). Em Deus cada maneira de conhecimento esgotará as suas explorações e aquisições, porque se infinitizará (cada personalidade culminará, portanto).

Florentino Goulart Nogueira

LITERATURA

Reacção anti-neo-realista

Vivemos numa época extraordinariamente cheia, golpeada e promissora. Cruzam-se, entrecrocavam-se e arrepelam-se tendências e ideais. Os homens retesam-se como um arco, consomem-se como cego em cata de sentido. Isto é a vida de hoje. Disto deve ser testemunha cada obra de Arte de hoje. Principalmente o romance e a novela que são mais descritivo e reportagem, principalmente esses devem expressar a vida de hoje e o homem de sempre. Surge, porém, uma literatura que usam chamar social ou neo-realista. E, deformando e mutilando a realidade, ela prossegue numa carreira crescentemente vitoriosa. Um paradoxal determinismo, uma doentia crença na exclusiva importância do ambiente externo, sopram e conduzem as obras dos neo-realistas que fazem novelas e romances. Especialmente, o económico é o propulsor de tudo, como a libido o era para Freud. E, perante o económico, o resto desbota e submete-se-lhe. Como seria

de esperar, tenha as raízes que tiver, o movimento vingou e fez-se adulto nos Estados Unidos, na pátria do utilitarismo, do pragmatismo, do dólar. Havia que insurgir-se a Europa, depositária de tradições e experiências milenárias, havia que insurgir-se contra o exagêro subalternizante. Pois adorou-o e abriu-lhe o seio. Macaqueou as gigantescas deformações americanas; mas ficou-lhes inferior.

Até que apareceu um europeu reagindo. Propositadamente ou sem querer, um europeu reagiu. José Marmelo e Silva lança a público uma novela, «Adolescente». Está bastante próxima da escola nomeada neo-realista. Mas supera-a. Em «Adolescente», o homem é maior e verdadeiro: é um homem movido pela economia, pela preocupação social e pelo ambiente social, pelo sexo, pelo amor, pela educação, pelo temperamento, pela vontade e pelas restrições dos mundos. Desta obra queremos falar largamente.

Nuno Coutinho

POESIA

Alvorada no Douro

(Poesia premiada nos Jogos Floridos da E. N., em 1948)

Diluiu-se o luar em rosas bravas.

Transformou-se a montanha num morango
E o rio numa folha de navalha...
Veio o vento agitar as verdes tranças
Da terra côr de palha.
Ela abriu, longamente, os grandes olhos de água,
Fitando o espelho azul do céu pulido.
—Cingiam-lhe a loira espádua
Rendas de névoa e de vidro
Do tear das cachoeiras!
Sua cintura de vírgem,
Que o rio tornou mais fina,
Tôda enfeitada de orvalho
Cheirava a mel e resina.

Cheirava a mel e resina,
Antes do dia nascer...

Mas na lâmina das fragas,
Entre estilhaços de luz,
Há sol e sangue a escorrer.

Ernâni de Melo Viana

O poeta louco suicidou-se

O poeta era um génio...
Mas à força de sofrer e amar
Foi-se-lhe a luz apagando a pouco e pouco...
E Deus que o fez um génio no cantar
Tornou-o agora num farrapo louco...

Na loucura errou nas ruas e nas praias
Por onde em contemplação outrora andara
E buscou, nas rendas de cambraias
Das espumas das ondas que cantara,
O descanso, a paz, a solidão...

Mas, se buscou a morte por ser louco,
E se Deus o privara da razão,
-Senhor Abade, não lhe pode negar a absolvição...

Vasco Luís

Prisioneiro

Eu ia num navio pra o mundo novo.

Um sussurro, de roda, aliciante.
As estrêlas: fantasma perturbante.
O oceano: barítono e covô.

No navio já dormente todo o povo,
Atirei-me prá água. E, agonizante,
Vi cidade em silêncio e integrante
E submersa e perfeita como um ovo.

Mas alguém me salvou. Ando perdido,
Sem atento nem olhos nem sentido,
Lunático ou absorto, a recordar...

Saudade da visão do meu encanto,
Indecisa, constante... E, entretanto,
Já maneira não sei de me afogar.

Florentino